

## A INTERTEXTUALIDADE NOS QUADRINHOS DA TURMA DA MÔNICA

Thaís Helena Affonso Verdolini\*

**RESUMO** - O artigo trata da intertextualidade presente nas histórias em quadrinhos da *Turma da Mônica*, de Mauricio de Sousa, objetivando tecer uma caracterização dos principais recursos lingüísticos utilizados para a manutenção dos seus leitores nos quarenta anos de existência da publicação. Princípios da Lingüística Textual norteiam a pesquisa, enfocando-se os conceitos relacionados à intertextualidade. O trabalho perscruta os quadrinhos como um rico recurso de análise textual, como literatura de entretenimento também para adultos e como merecedores de destaque no âmbito dos estudos literários.

**PALAVRAS-CHAVE:** Lingüística Textual. Intertextualidade. História em quadrinhos. Turma da Mônica.

De modo geral, a história em quadrinhos (HQ) é uma história contada em quadros por meio de imagens, com ou sem texto. É uma narrativa gráfico-visual, cuja especificidade reside nos cortes espaço-temporais (a divisão dos quadrinhos em si), no uso de elementos iconográficos e na presença de signos peculiares, como as onomatopéias e os diferentes tipos de balões.

As HQ constituem um gênero literário bastante peculiar e, mesmo tendo sido, de certo modo, ignoradas no âmbito acadêmico, sua importância como meio de grande expressividade, bem como parte indispensável da cultura de massa, não pode ser negada.

Infelizmente, tanto no Brasil como em vários outros países, essas histórias foram, durante muito tempo, consideradas uma ameaça ao desenvolvimento intelectual das crianças, colocadas no ostracismo e consideradas culpadas por boa parte dos males do mundo. Não é de se surpreender, portanto, que as mesmas tenham encontrado dificuldade em adentrar as portas das escolas e das bibliotecas. No caso das universidades, a exclusão dos quadrinhos ocorreu em função de pouquíssimos pesquisadores entenderem-nos como dignos de estudo científico.

Enquanto a escrita é informação percebida, ou seja, é preciso conhecer a decodificação dos símbolos abstratos da linguagem, as imagens são informações recebidas, o

---

\* Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

que quer dizer que é possível entendê-las instantaneamente, até por quem não tem educação formal. Por conta disso, as HQ acabaram associadas somente à leitura para crianças ou, ainda, até desprezadas como literatura inferior.

O presente artigo intenciona mostrar que as HQ podem ser uma rica fonte de estudos lingüísticos, tendo a obra de Mauricio de Sousa – autor que representa significativamente o gênero no Brasil – como enfoque.

O pensamento de que os quadrinhos da *Turma da Mônica* são “apenas coisa de criança” pode ser desmistificado, bastando observar-se a grande quantidade de adultos que os lêem, além da elaborada produção textual voltada para os mesmos. Com base em uma pesquisa realizada com duzentas e setenta e quatro pessoas, cujo objetivo era verificar a quantidade de adultos que lêem *Turma da Mônica*<sup>1</sup>, fizeram-se, dentre outras, as seguintes constatações:

– dentre os leitores de gibi que estão na faixa dos vinte e um aos trinta anos, que representaram 42,3% do total, 75,3% lêem *Turma da Mônica*;

– dentre os leitores de gibi que estão na faixa dos trinta e um aos quarenta anos, que somaram 44,1% do total, 73,3% são leitores da *Turma da Mônica*.

A enquete deixou clara a preferência das pessoas, inclusive adultas, pela “*tulminha*” de crianças mais famosa do Brasil.

Apoiando-se em pressupostos da Lingüística Textual – principalmente a abordagem de Koch (1998, 2002, 2004, 2005 e 2007), Sant’Anna (1999) e Hutcheon (2000) –, busca-se aqui demonstrar que, recursos lingüísticos e temáticos freqüentemente empregados por Mauricio de Sousa para a manutenção do leitor – que, agora adulto, acompanha as histórias desde os anos setenta e oitenta, – podem ser objeto de estudo. Desvela-se a intertextualidade como relevante elemento nesse jogo de sedução para a fidelidade do público.

Apesar de também ter como eixo central as crianças, como *Mafalda* e *Charlie Brown*, as HQ de Mauricio, ao contrário daquelas, não têm cunho político nem de crítica social. Embora extremamente engajado em programas sociais e em produção de histórias educativas – que tratam de respeito, diferenças e ecologia, entre outros temas – Mauricio escreve para entreter. Suas personagens vivem aventuras ora verossímeis, ora impossíveis, que divertem e ajudam na formação da criança, sem pretensões de criticar ou fazer apologia de problemáticas políticas. A relação das personagens com o mundo atual dá-se por meio da

---

<sup>1</sup> Pesquisa elaborada exclusivamente para o trabalho mencionado na nota 1.

sátira feita a filmes, Internet, novelas e livros, recurso textual que parece ser o grande segredo para o sucesso das HQ da *Turma da Mônica* entre os adultos.

A Linguística Textual concebe a **intertextualidade** como um dos fatores de textualidade, ou seja, elementos que fazem com que um conjunto seja um texto<sup>2</sup>. Tanto a produção quanto a recepção de um texto recorrem ao conhecimento prévio de outros textos. Koch (2000, p. 46) comenta:

Todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos, que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe.

O conhecimento que se tem sobre o que já foi lido anteriormente contribui na elaboração de um sentido ao novo texto, assim como ajudam as noções que se tem do mundo, da cultura, dos estereótipos. Ao produzir um texto, o locutor utiliza-se do que já experienciou em vida, ainda que o faça inconscientemente.

Os conceitos concernentes à intertextualidade têm sido objetos de reflexão frequentes na literatura lingüística contemporânea, uma vez que parece improvável encontrar um texto que não dialogue com nenhum outro que o antecedeu. Ainda que esse texto exista, ele não estará isento de dialogar com o tempo e o espaço de sua produção.

Ao interagir conscientemente com um texto anterior, nem sempre o escritor indica a fonte de seu diálogo, pois pressupõe que o leitor compartilhe com ele um mesmo conjunto de informações a respeito de obras que compõem um determinado universo cultural. Os dados a respeito dos textos literários, mitológicos ou históricos são necessários, muitas vezes, para a compreensão global de um texto.

Maurício de Sousa valoriza o leitor mais atento, pois, à medida que intertextualiza com as mais diversas fontes, muitas vezes de forma sutil e implícita, conta com um conhecimento de mundo mais amplo do mesmo. Uma vez que a percepção dos recursos utilizados depende exclusivamente do leitor, conforme aponta Sant'Anna (1999, p.26) - “os conceitos de paródia, paráfrase e estilização são relativos ao leitor, o que equivale a dizer [...] que são recursos percebidos por um leitor mais informado” -, conclui-se que o leitor adulto percebe isso muito mais, devido a seu conhecimento de mundo ser maior do que o da criança.

Desde o início das revistas, nos anos 70, o quadrinhista teve uma preocupação em misturar a fantasia e o imaginário com acontecimentos reais, algo que de fato pudesse acontecer no universo infantil, para uma maior aproximação com as crianças; além de

---

<sup>2</sup> Não serão discutidas questões que permeiam o uso dos termos texto e discurso feitas por alguns autores. O termo utilizado será sempre texto.

preencher as histórias com eventos atualizados de cada época. No entanto, no anseio de atingir o cômico e preservar o público conquistado na tenra idade, os recursos intertextuais foram se tornando mais específicos, sofisticados, e o que se vê hoje são histórias plenas de alusões, citações, paródias e paráfrases das mais variadas fontes do mundo real: filmes, contos de fadas, clássicos da literatura universal, músicas e programas de televisão. Sejam elas discretas ou audaciosas, estão cada vez mais presentes nas historinhas, sempre buscando atingir o riso com o que há de mais recente na mídia.

Esses recursos demonstram a intencionalidade em manter as revistinhas da *Turma da Mônica* atualizadas, não só no campo temático como também nos campos lingüístico e imagético, uma vez que, para conseguir a intertextualidade, são introduzidos também novos vocábulos e desenhos.

Os expedientes são utilizados para causar humor, para resgatar clássicos (como obras da literatura e contos de fadas), não para denegrir. Para Koch (2007), a paródia, tão utilizada por Mauricio de Sousa, não representa necessariamente um antagonismo ou uma crítica. O procedimento repete formas e conteúdos para emprestar um novo sentido ao texto, podendo mudar o gênero, o tom e os aspectos estilísticos, com funções humorísticas, poéticas ou críticas, entre outras.

A posição de Hutcheon (2000) converge com a de Koch na medida em que considera que a paródia sempre apresenta uma inversão irônica, mas não precisa contar com crítica na forma de ridicularização para sê-lo. Hutcheon aponta que *para*, em grego, também pode significar *ao lado*, e este segundo significado negligenciado para o prefixo amplia o escopo pragmático de paródia, aumentando as possibilidades de discussão sobre as formas de arte modernas.

No passado, as paródias tinham como exclusiva função de denegrir e maliciar; atualmente isso ocorre somente em algumas formas de paródia. Hutcheon (2000) alerta para a necessidade de ampliar o conceito de paródia para atender a arte do novo século, que vai além do conceito de apropriação textual. A paródia pode ser uma crítica séria ou uma zombaria genial; pode ter implicações ideológicas e sociais ou ser uma sátira a certas obras.

Baseado na premissa de que as HQ também são uma mídia importante e atingem um número muito maior da população do que se imagina, o presente trabalho procura reforçar que quadrinhos podem, sim, oferecer elementos para estudos lingüísticos e literários – como a intertextualidade, nesse caso – e podem, também, contribuir como incentivo para a leitura, a cultura e a educação, conforme sustenta Luyten (1985a, p.8):

Ao contrário do que muitos pedagogos apregoam, os quadrinhos exercitam a criatividade e a imaginação da criança, quando bem utilizados. Podem servir de reforço à leitura e constituem uma linguagem altamente dinâmica. É uma forma de arte adequada à nossa era: fluida, embora intensa e transitória.

Foi também acreditando nisso que Mauricio de Sousa, apesar de tantas adversidades, não desistiu de seu sonho e insistiu em inventar e reinventar uma HQ aos seus moldes, sem jamais ceder a temas nocivos, ainda que populares. Criou sua fórmula própria para o sucesso e o perdurar de sua obra.

Mauricio de Sousa não deixou de lado os esforços para continuar agradando seu público-alvo inicial, as crianças. Afinal, as histórias sempre foram escritas para elas, e a grande maioria dos produtos ligados à marca dos *Estúdios* que levam seu nome é infantil. Novas personagens, como *Bloguinho* (para os internautas-mirins), e o uso de uma linguagem simples justificam-se como chamariz para as novas gerações. O quadrinhista, no entanto, quis ir além, e redobrou o empenho para manter esse público que se mostrou tão fiel. Parece ter sido principalmente na intertextualidade que encontrou o caminho.

Notou-se que, com o passar do tempo, pelo menos uma história das revistinhas da *Turma da Mônica* é para o leitor maduro: geralmente, uma historinha maior (não necessariamente, mas quase sempre a primeira) que usa como hipotexto um programa, um filme, um livro ou um acontecimento especialmente acompanhado de perto pelo leitor mais velho.

A utilização da paródia com função discursiva humorística mostrou ser uma constante em todas as décadas, tornando-se mais complexa e melhor estruturada. O produtor dos textos em questão parece ter total consciência sobre os tipos de diálogo que põe em funcionamento. Ao estabelecer relações com textos anteriores à sua enunciação, convida o leitor a ser bem informado, ou a buscar saber mais sobre o assunto que deu origem ao diálogo.

A *Turma* continua atemporal com suas brincadeiras de criança, seus eternos aniversários de sete anos e suas roupas que não mudam (apesar de aparecerem com modelinhos diferentes vez ou outra); contudo, vivenciam ou representam grandes sagas do cinema, da televisão, da literatura. Às vezes, aparecem mexendo no computador, mencionando algo da Internet ou brincando com um brinquedo eletrônico – possível apelo aos novos leitores da era tecnológica –, mas Mauricio preza as brincadeiras tradicionais e que envolvem a imaginação e a companhia dos amigos. Essa seria a ponte para que os adultos estimulassem suas gerações descendentes a ler o gibi.

Outro elemento que pode ser objeto de estudo lingüístico é a questão da diacronia da linguagem nas HQ da *Turma da Mônica*. O uso da linguagem formal padrão nas primeiras

histórias logo cedeu lugar ao emprego de linguajar mais despojado e próximo ao texto falado, e hoje as tiras são repletas de neologismos e expressões espirituosas. Mesmo em histórias em que não há diálogo restrito com suas épocas, é possível arriscar uma data observando-se a linguagem.

Escolher somente alguns exemplos para ilustrar os recursos é tarefa árdua, tamanha a quantidade e variedade de intertextos.



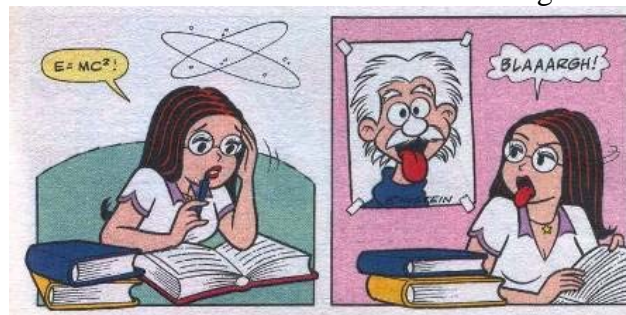
**Figura 1** - Alusão ao super-herói *Hulk*. *Mônica* nº. 114 - 1979.



**Figura 2** - Citação da música de *Dire Straits*. *Mônica* nº. 12 - 1987.



**Figura 3** - Paródia do filme "E o vento levou". *Magali* nº. 90 - 1992.



**Figura 4** - Alusão a Einstein e à teoria da relatividade pela imagem. *Parque da Mônica* nº. 131 - 2003.



**Figura 5** - Alusão ao cantor Elvis Presley. Cascão nº. 1 - 2007.

A começar pelo nascimento do gênero dos quadrinhos, os contextos desse universo sempre foram influenciados pelos acontecimentos do mundo real. A História serve, muitas vezes, de pano de fundo para que heróis, anti-heróis e vilões interajam e vivam suas próprias histórias. Mauricio de Sousa tem sabido utilizar muito bem esse recurso, trazendo para suas histórias os elementos da vida real, porém sempre com bastante humor.

Em uma época em que se vive rodeado de mediocridade, principalmente na mídia, é tranquilizador poder contar com publicações como a *Turma da Mônica*, que apesar da pseudo-simplicidade, denota férteis recursos textuais e formação humanística.

Diante de tão rica fonte de estudos, e considerando-se a grande quantidade de leitores, podem-se ponderar as HQ enquanto provedoras de rico material para estudo lingüístico e uso didático. No caso da HQ da *Turma da Mônica*, uma pertinente fonte de estudo de princípios como o dialogismo e a intertextualidade. Observa-se que a leitura de quadrinhos também serve à aquisição de cultura, conhecimento e, principalmente, educação.

Não negue a si mesmo o prazer de aventurar-se pelas histórias em quadrinhos, quer seja para entretenimento, quer seja para estudo.

## REFERÊNCIAS DAS FIGURAS

Figura 1 – SOUSA, Mauricio de. *Mônica* nº. 114. São Paulo: Abril, 1979.

Figura 2 – \_\_\_\_\_. *Mônica* nº. 12. São Paulo: Globo, 1987.

Figura 3 – \_\_\_\_\_. *Magali* nº. 90. São Paulo: Globo, 1992.

Figura 4 – \_\_\_\_\_. *Parque da Mônica* nº. 131. São Paulo: Globo, 2003.

Figura 5 – \_\_\_\_\_. *Cascão* nº. 1. São Paulo: Panini, 2007.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HUTCHEON, Linda. *A Theory of Parody: The Teaching of 20<sup>th</sup> Century Art Forms*. Chicago: University of Illinois, 2000.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. *Introdução à lingüística textual: trajetória e grandes temas*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

\_\_\_\_\_. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2005.

\_\_\_\_\_. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2007.

LUYTEN, Sonia M. Bibe (Org). *Histórias em quadrinhos – leitura crítica*. São Paulo: Paulinas, 1985a.

\_\_\_\_\_. *O que é a história em quadrinhos*. São Paulo: Brasiliense, 1985b.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, Paráfrase & Cia*. São Paulo: Ática, 1999.

SOUSA, Mauricio de. *Navegando nas Letras*. São Paulo: Globo, 1999.

\_\_\_\_\_. *Navegando nas Letras II*. São Paulo: Globo, 2000.